

XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Centro Regional Universitario Bariloche. Universidad Nacional del Comahue, San Carlos de Bariloche, 2009.

Redução de San Francisco de Borja: A qualificação política da Companhia de Jesus na Banda Oriental do rio Uruguai.

Ferreira Maurer, Rodrigo.

Cita:

Ferreira Maurer, Rodrigo (2009). *Redução de San Francisco de Borja: A qualificação política da Companhia de Jesus na Banda Oriental do rio Uruguai. XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Centro Regional Universitario Bariloche. Universidad Nacional del Comahue, San Carlos de Bariloche.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-008/661>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Redução de San Francisco de Borja: A qualificação política da Companhia de Jesus na Banda Oriental do rio Uruguai

Rodrigo Ferreira Maurer¹

Por muito tempo as terras meridionais da América do Sul encontraram-se sob questão das Coroas Metropolitanas Ibero Americanas.

Tais discussões procederiam para a criação dos Sete Povos Missioneiros². Estes localizados em um espaço “moldado” conforme intenções contíguas e muitas vezes nada compreensivas.

“As Missões Orientais do Uruguai, [...] são vistas como uma região de fronteira e, como tal, objeto básico de disputas territoriais entre as metrópoles ibéricas, tanto quanto outras regiões que assumem papel semelhante na imensidão dos limites na América do Sul.

Foi sob a perspectiva geopolítica que os limites das possessões ultramarinas portuguesas e espanholas tiveram suas primeiras definições”.³

Apesar de todas as questões expostas, o Tratado de Madri acabou predominando. Ao editá-lo, os homens reais acabaram posicionando no espaço missioneiro, a revelação de uma nova realidade para os agentes sociais do mesmo.

Visivelmente lesadas, as reduções missioneiras da banda oriental do rio Uruguai, por nexo deveriam reagir harmonicamente como um grande e coeso grupo de repulsa; ao qual subitamente combateriam aos artifícios assim engendrados pelas coroas ibéricas.

¹ Mestrando em História Regional na Universidade de Passo Fundo. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior CAPES, Brasil. Pesquisador voluntário da Casa da Imagem e Memória (CIM) – Universidade da Região da Campanha, campus São Borja. ferreiramaurer@bol.com.br

² Os Sete Povos Missioneiros foram resultados da segunda investida na banda oriental do rio Uruguai que a Coroa Espanhola fez no século XVII. A fundação dos mesmos neste período esta relacionada à formação Colônia do Sacramento em 1680. Os povos foram: São Nicolau (1687), São Miguel (1687), São Luiz-Gonzaga (1687), São Borja (1690), São Lourenço (1691), São João-Batista (1698) e Santo - Ângelo (1706). Anterior a este período, a Companhia de Jesus já havia confirmado 18 reduções, sendo a sua maioria fixadas no lado ocidental do rio Uruguai, salvaguardando o povoado oriental de São Nicolau (1626). Esta redução, aliás, confirma-se definitivamente como a primeira redução no espaço que hoje conhecemos como o estado do Rio Grande do Sul. Sobre o caso de São Nicolau ver: GOMES, Roselene e QUEVEDO, Júlio. São Nicolau. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed. 2003.

³ CAMARGO, Fernando. O Malón de 1801: a Guerra das Laranjas e suas implicações na América Meridional. p. 23

Aparentemente os Sete Povos careciam aliar-se em prol de uma finalidade única; ou seja: não aceitar a alternância do seu espaço sagrado. Contudo, neste espaço missioneiro, existiu uma redução que acabaria moldando-se conforme as requisições dos administradores reais e platinos multifacetados: distanciando-se de certa forma, das temáticas missioneiras. Esta redução atendia pelo nome de San Francisco de Borja.

No entanto, a mesma acabaria tornando-se uma condição de “redução destaque” entre os demais povos orientais do rio Uruguai. Acabou fazendo do seu espaço reducional uma espécie de parada obrigatória aos emissários da Companhia de Jesus, quando estes tinham de exercer os sistemas de informações e de controle na região das missões orientais do rio Uruguai.

Por várias oportunidades registroux as hospedagens destes religiosos na redução de San Francisco de Borja.

Não tinha residência fixa o Vice-Superior dos 7 povos de Missões, mas durante anos o encontramos em São Borja. Aí esteve muito tempo o P. Salvador de Rojas que exerceu esse cargo”.⁴

Desta forma, podemos sintetizar esta redução como uma redução agraciada comparada com as demais, fato visível se compreendermos que a mesma não demonstrava empenho para certas questões de acuidade fundamental para os demais povos; tais como o processo do “crescimento demográfico”. Ao compararmos o quadro populacional do ano de 1732; este considerado o ano celebre do desenvolvimento econômico/populacional das Missões; poderemos notar que San Borja foi entre os Sete Povos das Missões a redução com menor índice populacional.

É exatamente neste ano que as Missões atingem o máximo de florescimento de sua estatística demográfica, industrial e artística. Contém então com uma população de 39.343 almas, sendo São Nicolau o mais populoso dos Sete Povos com 7.751 habitantes,

⁴ PORTO, Aurélio. História das Missões do Uruguay. Porto Alegre, Selbach, 1954, 4v. p.183

seguinte-se São Lourenço com 6.513, São Luis com 6.182, São João com 5.274, Santo Ângelo com 5.085, São Miguel com 4.859 e, finalmente São Borja com 3.679 habitantes.⁵

Este dado populacional do ano de 1732 passa a ter um papel fundamental para fundamentarmos uma das peculiaridades deste povo, que compreendemos e registramos como sendo o “centro conversor do Prata”.

Ente os fatos, o seu envolvimento encontrava-se muito mais delineado para os assuntos gerais da administração espanhola do que para os interesses “mútuos” dos Sete Povos das Missões. Contudo alertamos desde já que não é nossa intenção desconsiderar San Borja da sonância simbólica que atende por missões. Até porque, por razões geográficas esta redução se encontrava posicionada no espaço mencionado, entretanto os seus interesses diferenciavam-se dos demais.

Apresentamos esta situação como reflexo da política adotada pela “Empresa Espanhola” que objetivava entre outros assuntos; o de garantir os guaranis como “súditos reais” no Novo Mundo. Sendo assim, para o bom curso do projeto, tais “súditos” deveriam engajar-se e corresponder-se como tais perante esta condição. Esta situação a priori a redução de San Francisco de Borja cumpriu.

A característica de ser uma redução aparentemente pequena (a nível demográfico); interpretamos como um resultado previamente estudado ou de convicção editada⁶ provindas desde a sua fundação em 1690, conforme registro da Coleção de Pastells:

“San Francisco de Borja, em la margem oriental del Uruguay, rio em médio de Santo Thomé, fundada año 1690, em 28 grados 48 minutos

⁵ Idem, p. 194

⁶ Colocamos esta peculiaridade da redução em manter-se enxuta quanto à questão populacional, como um reflexo da herança ou **determinação** provindas desde a sua fundação em 1690. Porém, salienta-se que não foi encontrada nenhuma documentação que faça referência ao mesmo. Entretanto uma preocupação é certa: San Francisco de Borja deveria possuir uma população pequena pelo fato de que as suas relações condiziam à redução Santo Thomé; sendo assim, a preocupação em defender o seu espaço, muitas vezes ficavam em segundo plano, pois sabiam eles (borjistas) que poderiam contar com os representantes da redução matriz quando assim fosse necessário. Diferente das demais reduções orientais, que visavam inchar seu espaço o máximo possível por medo de represálias externas.

de latitud y 322 y 16 minutos de longitud, com 650 familias, que hacen 3.541 almas”.⁷

Precisamos allear que o entendimento crítico deste trabalho depende e deve estar alicerçado sobre esta data de fundação registrada por Pastells, uma vez que, a sua condição maleável enquanto povo está intensamente relacionada a esta questão de registro⁸.

Não conseguimos denotar outra elucidação para a série de “coincidências” que participava este povo a não ser a de que já houvera sido fundado para tais finalidades: o de corresponder às exigências e determinações emanadas dos seus legitimados representantes de posses; no caso, os espanhóis.

Em compensação ao mencionamos espanhóis estamos também fazendo uma alusão ao seu “funcionário católico”, no caso o jesuíta. Portanto ao representar a expressão maleável, estaremos registrando sob maneira a redução de San Borja como um espaço “vivo” reducional mente; porém habituado a satisfazer as vontades e interesses, tanto da Coroa Espanhola, quanto da Companhia de Jesus. De certa maneira registrar-se-ia neste espaço a constatação geopolítica da época; uma vez que, as discussões políticas e religiosas começavam pela mesma.

Esta circunstância se fez devido à posição geopolítica que San Borja passou a ocupar; isto é, um centro conversor e diplomático das duas margens do rio Uruguai. No caso deste, o mais setentrional dos Sete Povos missioneiros, a sua importância é de fácil observação, pois acabou servindo de elo entre o espaço oriental e ocidental do rio exposto.

⁷ PASTELLS, Pablo. Historia de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay. Tomos I a VIII. Madrid, Librería General de Vistoriano de Preciados, 1912. p. 783

⁸ Existem controvérsias quanto à data de fundação da redução de San Francisco de Borja. Ficou conhecida como 1682, porém sem procedência de fonte primária. Outros autores registram-na como sendo 1687. Entre tanto, o título da Coleção de Pastells não deixa dúvidas: “EM EL OBISPADO DE BUENOS AIRES 1750”. MAURER, Rodrigo. In artigo: Redução de São Francisco de Borja: a expressão da função política da Companhia de Jesus a leste do rio Uruguai. Revista do I Seminário Cultura e Memória- São Borja, dezembro de 2007. Prefeitura Municipal de São Borja.



Figura 3- Fonte: Mapa de las Misiones de la Compañía de Jesús de Guaranies y del Tarumá. Año 1771; é atribuído à José Cardiel.

Fonte: PASTELLS , TOMO VII.

Esta condição acabou resultando fortes influências na maneira de agir deste povo. Este fato, relacionado a outro e que diz respeito à composição étnica (*também diferenciada*) enquanto povo ajudam a compreender as vicissitudes desta redução.

San Borja além da convivência jesuíta-guarani, possuía em seu espaço a diversidade *guenoa*⁹.

Conseqüentemente, subjugamos esta parcialidade do povo de San Borja como o reflexo natural ao qual o mesmo convivia; ou seja: uma combinação de interferências externas, que automaticamente elevavam ao desenvolvimento de uma área em litígio e de influências diversas. Em contrapartida formou-se um povo extremamente cauteloso em promover sanções milicianas.

⁹ *Guenoas ou povoado de Jesus Maria dos Guenoas*- denominação aplicada para diferenciar a outra composição étnica indígena que comportava o espaço borjista. “Os guenoas eram conhecidos como índios que não construía. Protegiam-se com esteiras que levavam às costas, de um para outro lado. [...] Eram irredutíveis, não admitiam regras morais e punham em risco a continuidade do povo de S. Borja, sim. Mas a verdade é que defendiam seus direitos a uma terra que era deles.” SEMPÉ, Moarcy. In artigo: “O padre Francisco Garcia e a fundação de São Francisco de Borja”. Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missionários. Santa Rosa, 1979. pp.131/132.

Estes índios reduzidos conheciam o seu potencial e força, entretanto, eram prudentes a executá-las, confiando assim as suas táticas e técnicas para as alçadas dos seus verdadeiros administradores; no caso: El Rey e o jesuíta.

San Borja absorveu com maestria a arte da guerra, porém esta condição quase sempre se manteve para resguardar o eixo conversor que lhe cabia.

Existe ainda um terceiro aspecto para ser mencionado, que faz referência a distância pela qual a redução discutida encontrava-se dos demais povos orientais.

No entanto consideramos este detalhe, como resultado da “combinação prévia” que já foi mencionamos a sua fundação. Tal circunstância está flexionada para necessidade da época em fixar um local onde desse ao mesmo tempo à segurança necessária para os representantes eclesiásticos, além de um posto que assim pudessem os mesmos estar ativamente aparte dos assuntos da banda oriental do rio Uruguai, mas principalmente atentos aos posicionamentos ocidentais do mesmo; ou seja, a relação com os povos de Santo Thomé, La Cruz e Yapeyu.

È de conhecimento que entre os povos orientais do rio Uruguai, existiu demarcações que respeitavam uma distância padrão; aproximadamente de 25 a 30 km, em média três léguas de distância de uma redução a outra.

“A distância entre os povos vizinhos é mais ou menos de três léguas. Só São Borja fica vinte léguas ao sul de São Nicolau, arredado três quartos de légua do rio Uruguai”.¹⁰

Hemetério Velloso reforçaria ainda mais a idéia de distanciamento à qual San Borja foi posicionada em referência as demais reduções orientais:

“Ponto de parte as questões de nome, que não discutimos a redução, para onde nos dirigimos; é distanciada da de São Nicolau quasi 123

¹⁰ TESCHAUER, Carlos. História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos. II vol. 2ª ed. 2002, ed. Unissinos. p. 20

Kilometros, ou (como se expressam os habitantes de ambas) 25 legoas castelhanas ou 20 brasileiras, mais ou menos”.¹¹

Esta distância a qual se localizou San Borja das demais reduções de certa forma chamou a atenção de todos os viajantes europeus que excursionaram pelas missões entre o século XIX.

Não entrando no mérito das declarações eurocêntricas da época, em desmerecer a tudo que estivesse relacionado aos povos ameríndios, todos de alguma maneira contribuíram com uma referência a tal discussão; foram os casos de Saint Hilaire, Arsene Isabelle, A. Baghuet, Beschoren e Cônego Gay.

Porém nenhum manteve tão bem exposto este repúdio a San Borja do que Robert Lallemant:

“Aconteceu, pois, que na manhã de 6 de abril, quando queria tomar a direção do oeste, no caminho para São Borja, distante cerca de vinte léguas de São Nicolau, me enganei completamente na direção e em pouco tempo já não via caminho algum. [...] Esses caminhos vicinais rio grandenses, como o de São Nicolau para São Borja, estão mais na boa vontade dos que os conhecem bem do que debaixo dos pés de quem os utiliza”.¹²

Notamos para uma descrição muito valiosa: “[...] **Esses caminhos vicinais rio grandenses, como o de São Nicolau para São Borja, estão mais na boa vontade dos que os conhecem bem do que debaixo dos pés de quem os utiliza**”.

Ora se passados praticamente um século após a discussão e efetivação do Tratado de Madri, bem como o período de Guerra Guaranítica, ainda os caminhos de ligação entre São Borja e São Nicolau por terra continuam difíceis. Imaginamos agora um período mais longínquo ainda; no caso, 1690, ano da fundação desta redução.

¹¹ SILVEIRA, Hemeterio José Velloso da. As Missões Orientaes e seus antigos domínios. Porto Alegre, Typografia da Livraria Universal de Carlos Echenique, 1909. p. 21

¹² LALLEMANT, Robert Ave. Viagem pela província do Rio Grande do Sul (1858). Tradução de Teodoro Cabral – Belo Horizonte. Ed. Itatiaia. São Paulo Ed. da USP, 1980. p. 258

As dificuldades com certeza se apresentavam muito maiores. Portanto podemos entender este obstáculo como o fato irradiador para os demais pontos já discutidos. Torna-se evidente que para a fundação de San Francisco de Borja, existiram preocupações mais distintas das que foram expostas para os demais povos no processo de fundação.

A fundação de San Francisco de Borja esteve muito mais delineada para os interesses da sua antiga redução matriz, no caso, Santo Thomé, do que para única e exclusivamente aos interesses dos seus “irmãos missioneiros”.

Outra reflexão para contribuir com esta temática diferenciada; diz respeito ao escoamento portuário de San Borja/Santo Thomé. Aspecto de grande favorecimento para San Borja se for levar em conta que o restante dos povos missioneiros orientais ocupava-se do eixo fluvial do rio Piratini (redução San Nicolau), este afluente do rio Uruguai.

Fonte adquirida pela Doutoranda Sônia Fonseca Machado- UNICAMP. Outro dado curioso neste mapa é o caso das capelas que ficavam pelos caminhos das reduções orientais. Estas capelas eram utilizadas pelos guaranis tanto como espaço de descanso, quanto espaço de orações e rezas. No caso do espaço entre San Borja e os demais povos orientais, o caminho comportava Quatro capelas.

Com o passar dos tempos esta condição de isolamento, viria a servir de motivo para as demais reduções discriminarem quando assim fosse necessário à redução discutida.

Muitos jesuítas da época entre este Bernardo Nusdorffer¹³ apresentaram San Borja como uma redução de guaranis fujões e desrespeitadores, que descumpriam constantemente as obrigações firmadas, além de serem considerados índios mentirosos (embustores), inconstantes e saqueadores de gado. Porém o que estes religiosos não notificaram foi à vontade do povo borjista em continuar mantendo os laços afetivos com a sua antiga redução matriz.

A redução de San Francisco de Borja comportou em seu espaço subsídios que lhe garantiram a condição de ser uma redução distinta, porém tais condições não lhe registrariam como um espaço neutro quanto aos assuntos relacionados ao projeto espanhol na América.

“O sistema reducional modificou o modo de vida do guarani. Constitui a criação de um espaço próprio dentro do colonialismo espanhol na América, de acordo com o plano previsto nas Leyes de Índias”.¹⁴

Contudo, muitos erros foram cometidos no passando, quando inúmeros estudiosos por vezes registraram as reduções como modelos completamente parecidos de administração. Este paradigma está mais que comprovado para afirmar que cada povo possuiu a sua própria conduta administrativa, problematizadas através dos seus almejos e necessidades próprias.

¹³ Nusdorffer - Superior (1686-1762). Ingressou na ordem jesuítica em 1704. Fez os primeiros votos em Landsberg, Baviera, 1706. Sacerdote em 1716. Chegou em Buenos Aires em 1717. Foi Superior dos guaranis em 2 períodos de 1734 – 1738 e de 20.11.1747 a 12.06.1752. Provincial do Paraguai de 1743 a 1747. Morreu em San Carlos (Corrientes, Arg.) Nota de GOLIN, Tau. A guerra guaraníca: como os exércitos de Portugal e Espanha destruíram os Sete Povos dos jesuíta e índios guaranis no Rio Grande do Sul. 2ª ed. Passo Fundo: EDIUPF; Porto Alegre: UFRGS, 1999.

¹⁴ CATEN, Odécio Ten. Forma (s) de governo nas reduções guaranis. Sergio Antonio Fabris Edito, Porto Alegre, S/D.

“A redução foi a maneira (método) de empreender a Missão; em suma por redução que é o projeto global de catequização espanhola. Nas “Leyes de Índias” há um projeto de redução, porém na história da América Espanhola existem muitas reduções”.¹⁵

Logo se as reduções foram o método aplicado para implantar a Missão. Estas missões certamente e ocasionalmente, apresentaram-se sob vários aspectos e casos isolados. Assim, a prosperidade de cada povo perpassava a ser o resultado do esforço próprio engendrado e aplicado sob forma coletiva e organizada.

Contudo, as conseqüências também surgiriam como prerrogativas expositivas destas disposições. Para San Borja estas condições acabaram transformando o seu espaço ao ponto de passar a ser discutido e colocado sob foco das mesmas.

O ápice destas discussões se fortaleceria a partir do instante que o então Padre Superior do período de 1747 a 1752, Bernardo Nusdorffer, exacerbou as posturas de dita redução. Deste momento em diante a redução passou a ser alvo de críticas disparadas tanto por jesuítas como por índios guaranis dos demais povos da costa oriental do Rio Uruguai.

Esta exposição desencadeou um processo de desgaste e supostamente de exclusão de San Borja. Circunstância que o povo nunca mais conseguiria reverter ao ponto de ser atingido e colocado sob suspeita assuntos referentes à sua dignidade e o respeito que lhe cabia perante os demais povos missioneiros. Passaria a mesma ser interpretada como um espaço de muito pouco comprometimento com os interesses missioneiros.

De fato a condição de estar no espaço missioneiro, para San Borja não passava de uma condição geográfica, uma vez que na prática esta identidade de representação jamais se apresentaria entre os seus componentes sociais.

Entretanto tais injúrias fortaleceram para que San Borja se prevenisse contra possíveis investidas, esta situação (re) organizaria novamente o espaço desta redução: agora um espaço intensamente miliciano.

¹⁵ NEUMANN, Eduardo. O trabalho guarani missioneiro no rio da Prata colonial, 1640-1750. Martins Livreiro, Porto Alegre, 1996. p. 50

È de conhecimento que os povos missioneiros possuíaam por característica, a instrumentalização miliciana. Certas reduções por sua vez, executavam esta prática com mais qualidade e maestria do que outros.

Porém San Borja se preparou intensamente a partir das situações já expostas; e é exatamente esta responsabilidade o ponto ao qual relacionamos como um fator que garantiu a continuidade “profícua” para a redução.

Improvável seria se esta redução não tivesse progredido as técnicas de defesa. De modo contrário, o seu espaço passaria a ser entendido como um espaço em situação vulnerável; fato que poderia inclusive, colocar em situação de risco a guarnição da sua própria fronteira.

Tornar-se-ia completamente infame ter uma posição maleável aos interesses platinos, se esta não conseguisse proteger os representantes eclesiásticos como já mencionamos anteriormente no seu território.

Portanto podemos relacionar o povo de San Francisco de Borja, como o verdadeiro “*espaço baluarte*” da banda oriental do rio Uruguai.

Contudo, toda a questão de assimilação da defesa, em certo momento acabou servindo para outras finalidades; mas justiça seja feita. Processo mais que natural e visível do que repercutiria o Tratado de Madri, isto é: a marginalização dos guaranis.

*“Um vaquero baqueano de S. Borja que adquirió ciertas experiencias de los charruas, belicosos asaltantes de estâncias, llegó a reunir una banda de otros 20 Guaraníes fugitivos, dedicándose todos al robô del caballo y del granado de las estancias misioneras, vendiendo o trocando en las tierras portuguesas”.*¹⁶

A exposição deste ex-miliciano de San Borja registra o que afirmamos. O instinto de sobrevivência acabou-o levando a cometer este ato, que com o passar do tempo foram entendidos pelos “representantes legais e das ordens” como uma afronta à ordem pública.

¹⁶ SUSNIK, 1979, p. 236.

Estes ainda desmereceram o fato de ocupar um espaço pronto; ou seja, não precisaram trabalhar para construir o espaço em vista que o mesmo continuava a comportar a estrutura e características da redução.

“O povo jesuítico de São. Borja não foi destruído nem queimado, como os povos da margem ocidental do Uruguai, nem abandonado como os demais da margem oriental do mesmo rio. O seu colégio e as casas da praça foram continuamente ocupadas por tropas portuguesas, brasileiras e outros particulares”.¹⁷

A manutenção da estrutura do povo de San Borja era uma garantia de continuidade ao processo fronteiriço e de proteção na região do Tapes. Contudo tal continuidade levou o povo a se posicionar contrário aos missioneiros orientais; fato que ficaria registrado através do Inquérito de 1759, que tem por título: *Declaraciones de nuevos testigos indios de cada uno de Los Siete Pueblos*. Este documento é uma representação plausível para a compreensão dos acontecimentos e fatos da época; contemplando, sobretudo certos assuntos ainda considerados incógnitas das passagens missioneiras e da Companhia e Jesus na América Meridional a partir da metade do século XVIII.

O ano de 1759 enalteceria exatamente o posicionamento diferenciado da redução de San Francisco de Borja. Através das declarações dos seus componentes sociais neste inquérito, registrar-se-ia, sobretudo, os porquês da redução de San Borja não ter combatido juntamente com a milícia guarani missioneira no processo da Guerra Guaranítica; mais precisamente no caso de Caiboaté.

Ficaram exibidas através dos relatos catalogados o contraste de situação e de almejos, frente ao massacre de 1756.

Através deste, podemos concluir que existiram objetivos distintos por parte de certas reduções. De uma parcela (a maior) existiu a necessidade de manter-se fiel ao espaço sagrado

¹⁷ GAY, Cónego João Pedro. História da República Jesuítica do Paraguai – (desde o descobrimento do Rio da Prata até os nossos dias, ano de 1861). 2ª ed. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1942. p. 517

missioneiro; ou seja, o Tape. Por outra, existiu a mesma necessidade de manter a posse de espaço; contudo o espaço da redução somente e não a continuidade coletiva do projeto missioneiro. E é exatamente esta última condição que referimos à redução de San Borja. A mesma teve por anseio único manter vivo o eixo conversor ao qual lhe coube sob o rio Uruguai.

O povo de San Borja, na sua proporção não fez esforços para tentar encontrar alternativas que contemplassem ao mesmo tempo os interesses régios e assim o garantissem como um agente participativo da retórica missioneira. Isto pode ser registrado pelo simples fato que todos os depoimentos coletados na redução, registraram a indiferença por parte da mesma em envolver-se com a “campanha de repúdio” aos ibéricos no ano de 1756.

Este é o prisma que faltava para completarmos as vicissitudes deste povo comprometido com a manutenção da ordem natural e espoliativa; ou seja: não resistir para continuar a ser “ocupado” e “aproveitado”.

Através das declarações compiladas do inquérito de 1759, delimitar-nos-emos a comprovar os posicionamentos destes povos no contexto social e político das missões.

DECLARACIONES DE INDIOS DEL PUEBLO DE SAN MIGUEL¹⁸.

– En 29 del mismo mes y año declaró don *Ignacio Arete*, de sesenta y ocho años de edad, natural de San Miguel y cacique, que desde de 1752 hasta 1754 fue alguacil mayor, en 1755 alférez real y desde 1756 hasta hoy alcalde mayor, y dijo que tiene noticias de los indios de los siete pueblos de la banda oriental del Uruguay, pero que los sublevados no fueron todos, sino algunos de cada pueblo, y estos de corta capacidad y juicio. Que en 1752 el P. Bernardo Nusdorffer, Superior de Misiones, había ido por los siete pueblos haciendo saber a sus individuos la orden del Rey, para que se mudasen, la cual orden repitió varias veces al pueblo su Padre cura, Diego Palacios, con eficaces exhortaciones a su cumplimiento, y todos, como fieles

¹⁸ O inquérito do povo de San Miguel ocorreu do dia 29 de Setembro a 02 de outubro; em um total de 09 (nove) depoimentos.

vasallos del Rey, la abrazaron por entonces, por lo cual mandó prevenir dicho Padre cura carretillas y lo necesario para el transporte, despachando luego efectivamente la mitad de las familias, en compañía del P. José Gracia, al sitio destinado para su nuevo establecimiento, que es la tierra de Valdés. Que habiendo llegado a la estancia de San Antonio se detuvieron allí para hacer nueva provisión de yerba y otros viveres para lo restante de tan dilatada marcha. Que para este efecto se dividieron de las familias algunos indios al yerbal llamado Caagua, los cuales, concluida su faena y volviendo con la yerba a juntarse con los suyos, encontraron cuatro portugueses, que les dijeron que ellos habían de venir a recibir todas las viudas, muchachas y muchachos de los siete pueblos que les habían prometido los Padres, conforme decía una carta que traía, que esta noticia, esparcida entre los suyos por dichos yerbateros, fue bastante a que desistiesen de su marcha y determinasen volver a su pueblo, sin poderlos contener dicho P. Garcia, a quien precisaron a volver atrás. Que llegados a su pueblo y reprendidos ásperamente por su Padre cura, se sosegaron algún tanto y emprendieron segunda vez la marcha las mismas familias al sitio de San Antonio, conducidas del mismo Padre cura; que a este tiempo llegaron a Santa Tecla las partidas demarcadoras de España y Portugal, con cuya noticia Felipe Zubay, con algunos otros indios de los transmigrantes, fueron a verse con los españoles y portugueses, y volviendo después a incorporarse con los suyos esparcieron entre ellos que habían sabido de los suyos esparcieron entre ellos que habían sabido de los portugueses que los Padres les habían vendido a ellos sus tierras y sus pueblos por una gran cantidad de dinero y que cuanto les decían los Padres de la orden y mandato del Rey era falsedad y engaño de los mismos; que con esta noticia, alborotados segunda vez y perdiendo el respecto a su Padre cura con palabras y acciones, se descompusieron con él, obligándole a retroceder al pueblo, en donde, sin obediencia ya, se arrojaron sobre los almacenes donde, sin obediencia ya, se arrojaron sobre los almacenes donde tenían sus viveres y armas, amenazando al mismo tiempo a los indios de razón que se mantenían por parte del Rey y los

Padres que si se movian a embarazar sus intentos los habían de matar. Que en este tiempo era ya corregidor de su pueblo el capitán Cepé, que a la sazón se hallaba en la estancia recogiendo ganado, y saliendo del pueblo los levantados fueron a unirse con el' y otros varios indios de los siete pueblos, con intento de oponerse a los españoles, con quienes tuvieron un encuentro en Caibaté, donde murieron muchos indios y el mismo Cepé, en el paraje que llaman Guacacay, que con estas noticias familias obedientes al Rey que quedaron en el pueblo, temerosas de que los españoles las maltratasen, determinaron desamparar su pueblo y retirarse a sus estancias, llevándose consigo a los Padres para que les asistiesen con la doctrina y demás ministerios cristianos. Que habiendo entrado los españoles en su pueblo y continuando después la comunicación de estos con algunos indios, observaron el buen trato que les hacian los españoles, por lo cual, desengañados muchos y entre ellos el declarante, se presentaron y el Gobernador de Montevideo dispuso que fuesen conducidos los presentados a la banda occidental del Uruguay. Que el motivo de la rebelión fueron las falsas noticias que los portugueses dieron a los indios que lleva nombrados; que los Padres de la Compañía en nada de lo sucedido tuvieron parte, que desde niños con la doctrina cristiana les enseñan la obediencia y veneración a su Rey para su transmigración, con trabajo y constancia en su pueblo y los demás. Que Felipe Zubay fue muerto en Caibaté con otros muchos indios.

DECLARACIONES DE INDIOS DEL PUEBLO DE SAN LUIS¹⁹ -

En 3 del mismo mes y año declaró *Francisco Chacal*, de cincuenta y cinco años de edad, natural de San Luis, Procurador hasta 1756, en que tuvo el cargo de Corregidor, Dijo que en 1752, asi el P. Superior Bernardo Nusdorffer como el P. Cura Inocencio Herver , les hicieron saber la orden del Rey para su mudanza, la cual aceptaron con toda resignación; y prevenidas las carretillas y demás necesario para un

¹⁹ Do povo de San Luis são 07 (sete) depoimentos. Os mesmos foram escutados entre os dias 02 de outubro a 04 do mesmo.

dilatado viaje, emprendieron la marcha al sitio destinado para su nuevo establecimiento en el río Miriñay; pero que los infieles les salieron al camino y obligaron a volverse al pueblo, con gran sentimiento del Padre Cura, quien, sin embargo, les hizo salir segunda vez en mayor número y llegaron al paraje de su población, de donde, hostigados de los infieles, que les amenazaban de muerte a ellos y a los Padres, se vieron precisados a volver a su antiguo pueblo, en que se mantuvieron quietos y prontos a obedecer, siempre que faltase el estorbo que se lo había impedido; y en este estado se mantuvieron hasta que, por unas malignas voces originadas de los portugueses y esparcidas entre los indios se, inquietaron los ánimos de algunos de su pueblo, diciendo que los españoles y portugueses venían a esclavizarlos y quitarles sus hijos y mujeres, por lo que, y convocados de los Miguelistas, salieron de varios pueblos algunas proporciones de indios, y del declarante como unos 100, a oponerse a los españoles, sin que su Padre Cura ni los Padres de los otros pueblos pudieran contenerlos, por más vivas diligencias que para ello hicieron. Que llegados a San Miguel los españoles con su Capitán General, dicho Padre Cura, con el declarante y otros del Cabildo, pasó a darle la obediencia, y por su orden empezaron a transmigrarse las familias a esta banda occidental del Uruguay.

Que aquellas malignas voces originadas de los portugueses y esparcidas por los Miguelistas, fueron las causa de que algunos de su pueblo que las creyeron se alborotasen. Que los Padres siempre los exhortaron a la obediencia que le debían al Rey en lo que se les mandaba.

DECLARACIONES DE INDIOS DEL PUEBLO DE SAN NICOLÁS²⁰ -

En dicho día, mes y año declaró *D. Felipe Penieyú*, de sesenta y tres años de edad, natural de San Nicolás, cacique, y ha sido alcalde

²⁰ Do povo de S. Nicolas foram registrados 09 (nove) depoimentos. Do dia 05 a 08 de outubro.

mayor y que ahora es teniente de corregidor. Dijo que sabe la desobediencia de algunos indios de los siete pueblos situados en la parte oriental del Uruguay; que en su pueblo fueron todos sabedores el año de 1752 por el Padre Superior Bernardo Nusdorffer de la orden de Su Majestad para que se mudaran y dejaran sus tierras, cuya orden fue también explicada varias veces por su Padre Cura Tux, exhortándolos a la obediencia y cumplimiento, en el que todos conformes dejaron a su Padre cura la disposición y prevenciones necesarias para su transmigración, por lo que mandó hacer muchas carretillas interin pasaba el mismo en persona con el Cabildo a ver el sitio que habían de ocupar, quedándose el en el pueblo durante su ausencia con el encargo de su gobierno, en cuyo intermedio los indios infieles de paz comunicaron a los de su pueblo la noticia de que los portugueses les habían dicho venían a hacerse dueños de sus tierras, de todos sus bienes, mujeres e hijos, porque los Padres los habían vendido; y que era incierto lo que se originó grande alboroto entre los indios por dar crédito a estas falsas voces, donde empezaron a perder la obediencia al Rey y a lo que los Padres les decían en este punto, en cuya confusión y desbarato llegó su Padre cura, y viéndolos en este alzamiento esforzó de nuevo en el pulpito lo que ya tenía hecho muchas veces para que se dispusieran a ejecutar su marcha al nuevo destino, que venía de ver, y apartalos del error en que estaban impresos por aquellos indios infieles, que lo no tenía remedio se había de ejecutar. Todo fue en vano, pues no hicieron caso e indujeron a otros para que no creyeran a los Padres. En este tumulto y confusión vivieron hasta la llegada de los españoles, la que dio motivo a que con más vigor esparcieran en el pueblo de que su Rey no mandaba tal cosa y que se habían de oponer a los que intentasen apartarlos de la defensa de sus tierras, en cuyo tiempo llegó una carta al pueblo del capitán Cepé, avisando a los levantados para que sin detención salieran a unirse con él, como lo hacían los de los otros pueblos, de que resultó partir varios caciques con parte de sus vasallos a incorporarse con los dichos, y hechos todos un cuerpo se opusieron a los españoles y tuvieron la función en Caibaté, donde

fueron derrotados los indios, con muerte de muchos, y entre ellos los caciques de su pueblo y el capitán Cepé, de cuya resulta muchos de los fugitivos se abrigaron por las chacras hasta que los españoles llegaron a San Miguel; que inmediatamente que lo supieron se desparramaron por toda la campaña. Que el resto del pueblo se mantuvo quieto con su Padre cura hasta que el General de España dispuso su trasmigración a esta parte occidental. Que los autores de la rebelión de su pueblo fueron en su pueblo fueron los indios infieles y el capitán Cepé. Que los Padres no tuvieron la menor culpa, antes fueron en su pueblo y en los demás ultrajados, perdiéndoles el respecto muchas veces por predicarle con un Crucifijo en la mano la obediencia que habían de tener a su Rey, y amenazados con la muerte por querer apartarlos de sus arrojados, en cuyo trabajo incesantemente estuvieron empleados, como en que se hiciera la trasmigración, que no fue posible su ejecución, por impedirlo la obstinación de los rebeldes. Añade que un capitán español que venia con una partida a su pueblo, estando hablando con ellos en paz, unos indios levantados le mataron a traición, y que los dichos indios, en la fuerza de rebelión de su pueblo, intentaron matar al corregidor, lo que hubieran hecho a no haberlo impedido el Padre y el Cabildo, a costa de haber padecido muchos ultrajes y tropelía.

DECLARACIONES DE INDIOS DEL PUEBLO DE SAN BORJA²¹ -

En 8 del mismo mes y año declaró *Fernando Tucú*, de cincuenta y un años, de San Borja, que hasta 1754 fue Alcalde Mayor, y desde este año hasta hoy es Corregidor. Dijo que sabe que varios indios de los seis pueblos orientales del Uruguay fueron desobedientes al Rey, pero que ninguno del suyo de San Borja lo fue, porque habiéndoles hecho saber la orden de Su Majestad en 1752 el Padre Francisco Marinón, su Cura, después de haber dispuesto lo necesario para su viaje y reconocido el terreno para la nueva población en el Queguay

²¹ Sobre o inquérito que envolvia os representantes da redução de San Francisco de Borja, foram registrados ao total 08 (oito) depoimentos entre os dias 08 e 09 de outubro.

hacia la costa del Uruguay, marcharon la mayor parte de las familias a disponer ranchos y una capillita lo que empezado a hacer, en este intermedio los infieles les precisaron a abandonarlos y volverse a su antiguo pueblo, de donde con nuevas prevenciones volvieron a salir enderezando su marcha de la otra parte del Ibicuy en la estancia de su pueblo, en cuyo sitio volvieron a formar un nuevo pueblecito, manteniéndose en el pasado un año, y al cabo de el volvieron de nuevo los infieles a hostigarlos y arrojarlos, viéndose precisados, sin poder o remediar, a dejarlo y restituirse a su antiguo pueblo; malográndose el trabajo que habían tenido; en cuyo estado se mantuvieron sosegados hasta fines de 1756, esperando permitiese el tiempo ocasión de cumplir la orden del Rey. Que en esta situación, con la venida de los españoles, el capitán Cepé escribió tres cartas a su pueblo, pidiéndole a él indios para defender sus tierras, pues se hallaba en animo por si y con otros varios indios de los demás pueblos a impedir la entrada de los españoles y oponerse a ellos, cuyas cartas despreció, sin hacer caso de lo que contenían, y de esta forma lograron no tener en su pueblo el menor disturbio, a lo que ayudó la eficacia y celo de su Padre Cura, impidiendo enteramente la comunicación con los demás pueblos hasta que supieron que los españoles habían llegado a San Miguel, donde determinó enviar dicho Padre al Maestre de Campo con 50 indios a dar la obediencia al Gobernador, de quien trajeron orden para transmigrarse a esta parte occidental, como en efecto hizo, quedando en el pueblo de Santo Tomé. Que ha oído decir que el autor del levantamiento fue el capitán Cepé, como deja ver por las cartas que a su pueblo y a los demás envió, induciéndoles a la guerra contra los españoles. Que sabe con certeza el mucho trabajo que los Padres tuvieron en apartar a los levantados de sus intentos y traerlos a la obediencia del Rey, lo que intimaban a los indios por todos los medios posibles y en los púlpitos con un crucifijo en la mano.

En el mismo día declaró *Romualdo Ibaraza*, de cincuenta y ocho años, Alférez Real de San Borja. Dijo que muchos indios de los seis

pueblos se unieron para oponerse a los dos ejércitos, pero que en su pueblo no ha habido alboroto alguno, aunque puede ser que algunos pocos indios de él se hayan mezclado con los alzados de otros. Que por los Padres se es intimó la orden del Rey para su transmigración y pasaron luego a establecerse en el Queguay, y después en tierras de su propia estancia, donde se mantuvieron un año; pero que de uno y otro paraje los des poblaron los infieles, obligándolos a retirarse a su antiguo pueblo, del cual pasaron a de Santo Tomé, conforme a la orden que el Gobernador dio a su Padre Cura cuando en compañía de su Cabildo, fue a darle la obediencia al pueblo de San Miguel. Que el capitán Cepé anduvo por los pueblos juntando gente para oponerse a los españoles, por lo cual su Padre Cura del declarante les prohibió toda comunicación con el y sus secuaces; que en todos los pueblos, después de la publicación del Real mandato, se empeñaron los Padres en que se cumpliese, amonestando pública y privadamente a los indios la obligación que a elle tenían, pero que los frustraron sus esfuerzos, propasándose muchas veces a faltarse de palabra y amelándolos con la muerte si no desistían de su empeño.

A través destes depoimentos podemos sintetizar o inquérito como resultado de uma produção previamente estudada ao ser elaborado; a fim de satisfazer e amenizar dos erros ibéricos no processo que se desencadeou logo após a assinatura do Tratado de Madri. Erros que ao seu montante, eclodiram na escolha de um culpado já falecido na época: Cepé Tiarajú.

Ao escolher o culpado, os “agentes sociais da lei” acabaram absolvendo aquele que de fato deveria ser o “sentenciado”; no caso: Bernardo Nusdorffer. Este sim o responsável direto por todo o desgaste social, administrativo e político implantado nas missões.

Em contrapartida para o “Projeto Madri”, dava-se por encerrado todo um processo fatigante, contudo vitorioso. Ao averiguar os envolvidos e encontrar “os infratores”, os homens ibéricos acabaram isentando-se do fardo da responsabilidade, e ao mesmo registraram por documento o reconhecimento do (s) verdadeiro (s) culpado (s) do declínio proporcionado na Guerra Guaranítica.

Para tanto, não podemos deixar de registrar a postura convicta e adotada de San Borja perante os fatos; uma vez que se manteve fiel às prerrogativas da sua posição geopolítica como já mencionamos anteriormente.

Através dos depoimentos dos guaranis da antiga redução, podemos perceber o descomprometimento que foi implantado no povo quando descobriram dos pedidos de auxílio por parte de Cepé Tiarajú.

Fernando Tucú, e Romualdo Ibaraza, são somente dois depoimentos dentre os oito, que escolhemos para sintetizar e confirmar esta parcialidade; ou seja, o de não apoiar os objetivos daquele que era para o momento o representante maior dos interesses missioneiros. Ao desconsiderar os pedidos de ajuda à Cepé Tiarajú, San Borja legitimava em documentos o que já vinha acontecendo por muito tempo, isto é, um desmerecimento/isolamento convicto e aceito por seus agentes sociais aos “Seis Povos” das Missões.

Em contrapartida, pelos relatos dos demais depoentes dos três povos selecionados, fica nítido o sentimento guerreiro e miliciano de ambos.

Em qualquer um dos casos em discussão a presença de repulsa é visível em seus relatos.

Três aspectos acabam fazendo presença no discurso dos interrogados: O primeiro é que eles não aceitariam a presença ou a intervenção de conviver com os representantes ibéricos nas suas reduções (mesmo que em muitas vezes apareçam somente portugueses).

O segundo detalhe diz respeito ao fato em afirmar que Nusdorffer de certa forma foi o responsável pelo desgaste e desconfiança para com os novos empreendimentos. A terceira e talvez a principal questão, é que eles reconheceram os esforços aplicados pelos padres curas dos seus antigos povoados na tentativa de comovê-los a desistir da resistência.

Contudo, não podemos desconsiderar um fator de importância única, para formalizar a problemática do processo reducional da banda oriental do rio Uruguai: Isolando San Borja, os demais povos, estiveram imbuídos na resistência pela conservação dos seus espaços. E isto de certa forma, foi o que diferencio-os em relação ao povo mencionado.

É exatamente este detalhe de sentimento que julgamos ser interessante analisar, para podermos compreender os porquês de não julgar a redução de San Francisco Borja como um missioneiro; mas sim como um centro conversor das missões.²²

Por tanto, quando referirmos algo em busca das compreensões missioneiras dos séculos XVII e XVIII, devemos sempre lembrar que muitas questões mantiveram-se incompreensíveis também para a época. E estas só serão alcançadas pelo esmero e prática daqueles que um dia almejam alcançar uma pequena parcela destas inquietações.

Fontes e series documentais:

ANAIS Simpósios Nacionais Missioneiros.

ANAIS Simpósio Nacional de História, 2007.

ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS JESU- (ARSJ)Roma/ Itália

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL- (AHRGS)

CENTRO DE CULTURA MISSIONEIRA - (CCM)

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS/UNISINOS

BARRAL, G. A. Rebeliones em la América española.Madri: Mapfre, 1992.

DOCUMENTOS para La História Argentina – Tomo XX. Cartaz Anuas de la província del Paraguay, Chile e Tucuman, de la Compañia de Jesús. Buenos Aires: Talleres SA, 1929.

ESCANDÓN, Juan. História da Transmigração dos Sete Povos Orientais

²² Alertamos novamente para a questão em discussão de aceitar ou não aceitar a referência de missioneiro para San Borja. Quando referimos San Borja como centro conversor das missões, não estamos querendo tirar os méritos da antiga redução como componente do espaço missioneiro; até porque por questão de organização do projeto reducional na América Meridional entre os séculos XVII e XVIII, todos os povos dependendo da sua prosperidade foram considerados missões. Entretanto ser considerado é uma condição diferente de corresponder-se missioneiro. Ser missioneiro era e ainda continua sendo uma condição que deve estar intimamente relacionada conforme o consentimento social, educacional, antropológico seus agentes sociais que habitam o espaço mencionado. Desta forma, quando simbolizamos ser missioneiro, estamos posicionando San Borja como uma redução anômala a esta identidade, justamente porque a mesma postou-se assim por durante todos os anos da sua existência, como podemos verificar no desenvolvimento desta monografia. Por este perfil, condicionamos a redução de San Francisco de Borja como um centro conversor das missões, mas desassociada ao sentimento missioneiro.

PASTELLS, Pablo. História de La Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Perú, Bolivia y Brasil). Tomos I a VIII. Madri, Libreria General de Vistoriano de Preciados, 1912.

SEPP, Anton. 1655-1733. Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos apostólicos. São Paulo, Martins, Ed. Universidade de São Paulo, 1972.

Bibliografia Contemporânea:

ANDRIOTTI, Décio. Os compositores do Padre Sepp. Anais X Simpósio Nacional de Estudos Missionários. Santa Rosa: UNIJUI, 1994.

AVÉ- LALLEMANT, Robert. Viagem pela província do Rio Grande do Sul (1858). São Paulo: EDUSP, 1980.

BAGUET, A. Viagem ao Rio Grande do Sul/ A. Baguet. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; Florianópolis: PARAULA, 1997.

BESCHOREN, Maximiliano. Impressões de Viagem na Província do Rio Grande do Sul, (1875/1887). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1989.

BOFF, Claudete. A imaginária Guarani: O acervo do Museu das Missões. Santo Ângelo: EDIURI, 2005.

BRUXEL, Arnaldo. História da transmigração dos Sete Povos Orientais. PESQUISAS, São Leopoldo, Instituto Anchieta, 1982.

CAMARGO, Fernando. O Malón de 1801: a Guerra das Laranjas e suas implicações na América Meridional. Passo Fundo: Clio Livros, 2001.

COLVERO, Ronaldo. Negócios na madrugada: o comércio ilícito na fronteira do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: UPF, 2004.

CUSTÓDIO, Luis Antonio Bolcato. Missões Jesuíticas Arquitetura e Urbanismo. In: Memorial do In: Memorial do Rio Grande do Sul. Caderno de História, nº21.

FLORES, João Rodolpho Amaral. A vila de São Borja (1834-1887) numa conjuntura de transição: História sócio-econômica e geopolítica. Dissertação de mestrado. UNISSINOS, 1996.

FLORES, Moacyr. Colonialismo e Missões Jesuíticas. EST. Instituto de Cultura Hispânica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1983.

GAY, Cônego João Pedro. História da República Jesuítica do Paraguai_ (desde o descobrimento do Rio da Prata até os nossos dias, ano de 1861.) 2ª ed. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942.

- GRAELL, Francisco. O passado missioneiro no diário de um oficial espanhol/ Francisco Graell; tradução: Alba Olmi. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.
- GOLIN, Tau. A Guerra Guaranítica: Como os exércitos de Portugal e Espanha destruíram os Sete Povos dos jesuítas e índios guaranis no Rio Grande do Sul. 2ª ed. Passo Fundo: EDIUPF, Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- _____. A Fronteira: Governos e Movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina. LePM, Porto Alegre, 2002.
- GOMES, Roselene e QUEVEDO, Júlio. São Nicolau. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed. 2003.
- HANSEL, José. História dos Sete Povos das Missões. Livraria Missioneira, santo Ângelo, Rio Grande do Sul, 1950.
- HARTMANN, Olmiro E., Pe. Missões na fronteira oeste. Indústrias Gráficas Shneider Ltda. Cerro Largo – RS, 1969.
- ISABELLE, Arsene. Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.
- KERN, Arno Alvarez. O “Modelo Político” das Missões Jesuíticas. In: Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros. Canoas, Ed. LASALLE, 1985.
- KERN, Arno Alvarez. Ações evangelizadoras e culturais de missionários portugueses e espanhóis no Rio Grande do Sul do Brasil. Braga: Congresso Internacional de História_ Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas, 2º vol. 1993.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. 5ª ed. Campinas/ São Paulo. Ed. UNICAMP, 2003.
- LUGON, Clóvis. A República comunista cristã dos guaranis.
- MAURER, Rodrigo. In Artigo: Redução de São Francisco de Borja: a expressão da função política da Companhia de Jesus a leste do Rio Uruguai. Revista do I Seminário Cultura e Memória – São Borja, dezembro de 2007.
- MAURER, Rodrigo e COLVERO, Ronaldo. “As possibilidades na análise das fontes: a redução de São Francisco de Borja a partir do Inventário de Bruno de Zavala”. In: Anna Olívia do Nascimento; Maria Ivone de Avila Oliveira. (Org.). Bens e Riquezas das Missões. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2008. p. 46-60.
- NEUMANN, Eduardo. O trabalho guarani missioneiro no rio da Prata colonial (1640/1750). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.
- _____. Fronteira e identidade: confrontos luso-guarani na Banda Oriental – 1680/1757. Revista Complutense de Historia de América, Madrid, 2000.

OLIVEIRA, J. : Uma etnologia dos “índios misturados”. Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. MANA 4: 1998

O’Malley, John W. Os primeiros jesuítas. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS; Bauru, SP: EDUSC, 2004.

PANIAGUA, Edson Romário Monteiro. Fronteiras, violência e criminalidade na Região Platina. O caso do município de Alegrete (1852-1864). Dissertação de Mestrado, UNISSINOS, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História do Rio Grande do Sul. 8. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997

PORTO, Aurélio. História das Missões Orientais do Uruguai. Porto Alegre, Livraria Selbach, 1954.

QUEVEDO, Julio. As missões jesuítico-guaranis em tempo de despotismo esclarecido, século XVIII. In: Anais do IX Simpósio Nacional de Estudos Missionários, 1991.

QUEVEDO, Julio e FILHO, Carlos César Bento. Povoados Missionários e Identidade Regional. In: Rio Grande do Sul - Aspectos da Cultura. Harry Rodrigues Bellomo (Org). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

QUEVEDO, Julio. Rio Grande do Sul. Aspectos das Missões (em tempo de despotismo esclarecido). Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

QUEVEDO, Julio Guerreiros e Jesuítas na Utopia do Prata. Bauru/ SP: EDUSC, 2000.

RABUSKE, Pe. Arthur. O povo de São Borja entre os anos de 1750 e 1757. In: Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missionários. Canoas, Ed. LASALLE, 1985.

RILLO, Apparício Silva. São Borja em perguntas e respostas. Monografia histórica e de costumes. Coleção Tricentenário, 1982.

RILLO, Apparício Silva e O’DONNELL, Fernando O.M. Populário são-borjense. Ed. Nova Prata, São Borja, 2004.

RISSOTTO, Lusi Rodolfo Gonzales y GONZALEZ, Susana Rodrigues Varese. Guaranies y paisanos

RODRIGUES, Claudio Oraindi. São Borja e sua História_ Coleção Tri-Centenário, nº 1. 1982.

SAINT-HILAIRE, August. Viagem ao Rio Grande do Sul. Martins Livreiro, 1997.

SEMPÉ, Moarcy Matheus. O Padre Francisco Garcia e a fundação de São Francisco de Borja. In: Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missionários, Santa Rosa, 1979.

SEMPÉ, Moarcy Matheus. São Francisco de Borja. O primeiro dos sete povos. Coleção Tricentenário, 1982.

_____. As festas reais de São Borja em 1760. In: Anais V Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros. LASSALE, 1985.

SEVERAL, Rejane da Silveira. A Guerra Guaranítica: POA: Martins Livreiro, 1995.

_____. Jesuítas e Guaranis face aos impérios coloniais ibéricos no rio da Prata. Revista de História Regional 3 (1): Verão 1998.

SILVEIRA, Hemetério José Velloso. As Missões Orientaes e seus antigos domínios. Porto Alegre, Typografia da Livraria Universal de Carlos Echenique, 1909.

SUSTERSIC Bozidar, El “insigne artífice” Jose Brasanelli. Su paticipacion en la conformacion de un nuevo lenguaje figurativo en las misiones jesuíticas-guaranies . Universidad de Buenos Aires. Argentina (artigo)

_____, El Hermano José Brasanelli y las Posibilidades de la Reconstrucción de su Trayectoria Biográfica y Artística. In Anais do XI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros- Santa Rosa, Ijuí, ED. UNIJUÍ, 1997.

TEN CATEN, Odécio. Forma(s) de governo nas reduções guaranis. Porto Alegre. Ed. Sergio Antonio Fabris. S/D.

TESCHAUER, Pe. Carlos. História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos. UNISSINOS, 2002.

VIEIRA, Eurípedes Falcão. Rio Grande do Sul: Geografia Física e Vegetação. Porto Alegre: Sagra, 1984.

VIEIRA, Alexandre.

Pensamento político na Guerra Guaranítica. Justificação e resistência ao absolutismo ibérico no século dezoito. (tese de doutorado- UFSC- Florianópolis, julho de 2005).